

O BRINCAR NO CONTEXTO HOSPITALAR NA VISÃO DOS ACOMPANHANTES DE CRIANÇAS INTERNADAS

THE ACT OF PLAYING WITHIN THE HOSPITAL CONTEXT IN THE VISION OF THE ACCOMPANYING PERSONS OF THE HOSPITALISED CHILDREN

Lyana Carvalho e Sousa¹, Alberto De Vitta¹, José Milton de Lima²,
Fabiana Cristina Frigieri De Vitta³

DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.96766>

RESUMO

Introdução: a hospitalização infantil pode comprometer o desenvolvimento normal da criança, em decorrência da quebra de sua rotina e do processo de adaptação à nova realidade. São várias as iniciativas no sentido de promover espaços em hospitais que possibilitem à criança contato com atividades lúdicas. Muitas são as variáveis que influenciam a atitude da criança perante a possibilidade de realização de atividades lúdicas, dentre elas, a participação dos acompanhantes. Saber qual a interpretação dos mesmos sobre o brincar no contexto hospitalar e quais as características que associam a essa atividade é essencial para melhor planejamento das ações de atendimento. **Objetivo:** esta pesquisa teve por objetivo analisar a opinião dos acompanhantes sobre a promoção do brincar no espaço de hospitalização da criança. **Método:** para tanto, os acompanhantes responderam a questionários durante o período de internação. Os dados foram analisados através de estatística descritiva e análise de conteúdo. Participaram do estudo 65 mães de crianças internadas, sendo que a maioria acompanhava pacientes na faixa etária entre 2 a 6 anos. **Resultados:** todas avaliaram que a criança deve participar da brinquedoteca, pois auxilia na recuperação, propiciando alívio do sofrimento, acalmando a criança e aliviando as tensões. **Conclusão:** conclui-se os acompanhantes consideram importante a brinquedoteca no contexto de hospitalização das crianças para amenizar efeitos da internação e auxiliar no desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: brincar, hospital, acompanhantes.

INTRODUÇÃO

Muitos temas têm sido estudados sobre os contextos ambientais e sua relação com o desenvolvimento humano, dentre eles os contextos hospitalares e sua relação com o desenvolvimento da criança.¹⁻⁶

A hospitalização pode comprometer o desenvolvimento normal da criança, em decorrência da quebra de sua rotina e do processo de adaptação à nova realidade (rotina hospitalar: exames, procedimentos dolorosos, horários, visitas, etc.), podendo acarretar o comprometimento do seu desenvolvimento físico, emocional e intelectual. No processo de internação, crianças deixam para trás coisas comuns, no entanto, fundamentais ao seu desenvolvimento: os pais, a casa, os irmãos, a escola, os amigos, os bichos de estimação, os brinquedos.^{1,7-9}

Carvalho e Begnis⁸ e Pedrosa et al.⁷ ressaltam a necessidade de se criar um ambiente que permita à criança dar continuidade a um conjunto de suas atividades para que os fatores decorrentes

da hospitalização não interfiram no seu desenvolvimento e destacam que "todas as instituições voltadas para cuidados com a criança devem ser reconhecidas como espaços de desenvolvimento integral"⁸ (p.110).

Vários autores^{1,10} destacam que o brincar produz uma realidade própria e singular ao modificar o cotidiano da internação hospitalar, permitindo que a criança elabore essa experiência, assim como dê continuidade ao seu desenvolvimento. Outro estudo⁸ sobre a importância dada ao brincar pela criança, verificou que essa atividade é uma estratégia positiva para o enfrentamento do estresse causado pelos procedimentos invasivos decorrentes da internação hospitalar.

Em um estudo sobre o brinquedo no hospital como instrumento para que as crianças regulem seus sentimentos de raiva e tristeza, os autores afirmam que o brinquedo oportuniza à criança a apreensão de "novos conteúdos que aparecem nesta situação e a construção de significados importantes na concepção de si e de suas emoções que

1 Universidade Sagrado Coração, Rua Ir. Arminda, 10-50, Jd. Brasil, CEP 17011-160 - Bauru, SP, Brasil.

2 Universidade Estadual Paulista, Rua Roberto Simonsen, 305, CEP 19060-900 - P. Prudente, SP, Brasil.

3 Universidade Estadual Paulista, Av. Muzzi Filho, 737, CEP 17525-900 - Marília, SP, Brasil.

Corresponding author: fabianavitta@gmail.com

Suggested citation: Carvalho e Sousa L, et al. The act of playing within the hospital context in the vision of the accompanying persons of the hospitalised children. *Journal of Human Growth and Development*. 25(1): 41-49
Manuscript submitted Oct 08 20144, accepted for publication Nov 22 2014.

fazem parte de suas experiências dentro e fora do hospital".⁹

Esses espaços lúdicos organizados no interior da instituição por uma equipe profissional funcionam como salas de espera diferenciadas, contribuindo para que os procedimentos, consultas e exames se tornem menos angustiantes e sejam incorporados como uma experiência passível de elaboração por parte das crianças (p. 646).²

Os autores² ressaltam ainda que considerando a promoção da saúde em um contexto biopsicossocial, as ferramentas lúdicas podem auxiliar nas esferas diagnósticas e intervencionistas desde que sejam usadas com o auxílio de profissionais capacitados e competentes.

Várias iniciativas podem ser detectadas no sentido de promover espaços em hospitais que possibilitem à criança contato com atividades lúdicas, principalmente após o movimento de humanização hospitalar, iniciado pelo Ministério da Saúde desde 2000.¹¹

A Lei nº 11.104 de 21 de março de 2005 reforça a importância do brincar sobre a saúde, tornando obrigatória a instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que assistem em regime de internação a população infantil.¹² Outra finalidade da brinquedoteca é tornar o ambiente hospitalar menos traumatizante e mais alegre, possibilitando melhores condições de permanência, recuperação e preparando a criança diante de situações novas vivenciadas, preservando sua saúde emocional e, portanto, dando continuidade no processo de desenvolvimento infantil e preparo para o retorno ao lar.³

No Brasil, ainda que não ocupem um papel significativo, as brinquedotecas hospitalares podem se transformar num espaço adequado a ser construído e explorado nos hospitais. A estruturação da brinquedoteca deve levar em conta a organização do espaço e dos materiais, baseada no universo infantil. Brinquedos, materiais de pintura e desenho, blocos lógicos e peças para encaixe, músicas, dramatizações, modelagem, dentre outras, poderão favorecer o desenvolvimento da criatividade, a expressão de sentimentos e a estimulação de habilidades neuromotoras.¹³

Os acompanhantes, geralmente os pais da criança, participam de toda a problemática da hospitalização.

A problemática se estende à família, principalmente, à acompanhante e, em geral, à mãe da criança internada. Ela é receptora da tristeza, do sofrimento, do choro, dos gemidos do seu filhinho, abalado por seu estado de saúde e pelas condições de um contexto que lhe é adverso. Ela também se ressentirá desse ambiente, muitas vezes sem a devida acomodação de que necessita e, principalmente, sem a apropriada definição do seu papel com seu filho doente (p. 111).⁵

Um estudo¹⁰ que analisou o significado da promoção do brincar no espaço da hospitalização infantil para os profissionais de saúde que trabalham com esta proposta encontrou dados importantes. Alguns desses resultados tinham relação

com o efeito que o brincar exercia sobre os acompanhantes e sobre a relação deste com a criança, como a associação entre brincar e normalidade; a facilitação da interação entre os profissionais da saúde, crianças e seus acompanhantes e como refecedor de laços que possam estar fragmentados no grupo familiar (que se desorganiza pela doença).

A presença do adulto nas atividades lúdicas no contexto hospitalar é importante, pois representa o parceiro durante o jogo, contribuindo para a expressão da criança, a administração de conflitos e como suporte em situações nas quais a criança precisa de acolhimento e enfrentamento de procedimentos dolorosos e invasivos.¹² Além destes pontos, o brincar tem importante influência na prevenção e promoção da saúde junto aos pais de crianças normais "o objetivo é assegurar um desenvolvimento harmonioso da criança, melhorar as relações entre pais e filhos e ajudar toda a família a ter melhor qualidade de vida".¹⁴

Dessa forma, o papel dos acompanhantes e seu entendimento sobre as atividades disponibilizadas para as crianças no contexto de internação hospitalar não podem ser desprezados. Saber qual a interpretação dos mesmos sobre o brincar no contexto hospitalar e quais as qualidades (positivas e/ou negativas) que associam a essa atividade em relação ao bem estar da criança é de essencial importância para melhor planejamento das ações de atendimento.

A partir dessa perspectiva, o presente estudo estabeleceu como objetivo central analisar a visão dos acompanhantes em relação à promoção do brincar no espaço de hospitalização da criança.

MÉTODO

Foi realizado um estudo qualitativo, de caráter exploratório-descritivo inserido no campo da Pesquisa Social, pois "tem uma carga histórica e, assim como as teorias sociais, reflete posições frente à realidade, momentos do desenvolvimento e da dinâmica social, preocupações e interesses de classes e de grupos determinados" (p. 23).¹⁵ A pesquisa foi conduzida dentro dos padrões exigidos pela Declaração de Helsinque e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade do Sagrado Coração sob o protocolo n.102/08.

Para a realização dessa pesquisa foram sujeitos os acompanhantes das crianças internadas e frequentadoras da brinquedoteca de um hospital particular, localizado em uma cidade de porte médio (350.000 habitantes) no centro-oeste do Estado de São Paulo.

O procedimento utilizado teve por objeto o significado atribuído ao brincar e inclui as comunicações individuais (questionários) dos acompanhantes que presenciaram as atividades desenvolvidas nesse espaço com as crianças internadas.

O questionário foi composto por questões abertas e fechadas sobre aspectos das atividades de brincar desenvolvidas na brinquedoteca junto às crianças em situação de internação no hospital e foi construído baseado em outras investigações.^{4,16-17}

Os dados obtidos através do protocolo de informações pessoais e pelas questões fechadas do questionário foram digitados em Planilha do SPSS 16.0, tabulados e sofreram análises descritivas, possibilitando a descrição global dos participantes desta pesquisa. As questões abertas foram analisadas através do análise de conteúdo.

A partir das respostas dadas às questões referentes à importância da atividade lúdica para a criança, aos aspectos positivos que favorece e como influencia no desenvolvimento da criança foi orga-

nizado o Quadro 1 para facilitar a visualização das respostas e as categorias formadas.

Por fim, foi realizada a confrontação entre os resultados do material empírico (questionário) e o teórico.

RESULTADOS

Participaram da pesquisa os acompanhantes – 100% mães – de 65 crianças que frequentaram o hospital onde foi realizada a pesquisa. As crianças

QUADRO 1: Categorias formadas pelas respostas dadas pelos acompanhantes ao questionário

RESPOSTAS QUE AS COMPÕEM	CATEGORIAS
Recuperação; bem estar; melhora desempenho; cura; melhora.	Fatores/aspectos positivos relacionados à doença.
Enfrentamento; cooperação com tratamento; animação; disposição; motivação; favorece compreensão da situação; conscientização da situação.	Atitude da criança frente à situação.
Diminuição do estresse; distração; esquece; alívio; acalma/tranquiliza; relaxamento; diminuição da tensão; melhora de humor; melhora emocional; passa tempo; tempo passa mais rápido; alegria/felicidade; diminuição do trauma; acolhimento/conforto; diminuição saudade de casa; aumento da auto-estima; minimiza efeitos da hospitalização; diminuição da irritação; melhora na aceitação da dieta; dorme melhor; paciência; independência; parou de chorar; segurança; auto-ajuda; diminuição da resistência; não sente medo; liberdade; amor; ocupação.	Paliativos frente à situação
Comunicação; troca de experiências; interação com outras crianças; interação com brinquedos; interação com acompanhantes (pais); interação com o profissional do local; interação com equipe; imagem positiva do hospital (ambiente).	Interação.
Atividades pedagógicas; divisão de brinquedos; desenvolvimento de habilidades; desenvolvimento psicológico; desenvolvimento físico; brincadeiras relacionadas ao contexto hospitalar; novos interesses; capacitação adequada do profissional; capacitação adequada do profissional (TO); brinquedos organizados.	Fatores que contribuem para aprendizagem.
Sai do quarto; vivencia atividades do dia a dia; brinquedos; brincadeiras.	Fatores inerentes ao cotidiano comum da criança.
Diminuição da tensão dos pais; diminuição do estresse; descanso para pais; diminuição do sofrimento da família; acolhimento/conforto; interação entre os acompanhantes das crianças; mãe fica feliz; segurança.	Fatores/aspectos positivos relacionados ao acompanhante.
Importante; maravilhoso; indispensável; proporciona melhores momentos; sente falta nos fins de semana; criança gosta; lugar legal; local de onde não quer sair.	Outros.

acompanhadas eram 50,8% do sexo feminino e 49,2% do masculino, e a maioria tinha entre 2 e 6 anos (58,5%). Quanto aos motivos que levaram as crianças a ficarem internadas, dois grandes grupos podem ser definidos: o de patologias clínicas, referente a doenças que causavam estados de debilidade, exigindo cuidados médicos mais intensivos (pneumonias, viroses gastrointestinais, dentre outros) e internados para procedimentos cirúrgicos, tais como, retirada de adenóide, apêndice, etc. O tempo de internação das crianças variava, sendo que 52,3% ficaram até 4 dias no hospital.

Segundo os acompanhantes, o local preferido para permanência da criança durante a internação (96,9%) é a Brinquedoteca, tido como o local mais adequado, por proporcionar novas experiências à criança. Apenas 1,5% disseram preferir permanecer no quarto realizando atividades trazidas de casa e outros 1,5% dos participantes, assinalaram ambas as respostas.

A Tabela 1 mostra a distribuição das frequências absoluta e relativa dos aspectos proporcionados pela brinquedoteca à criança.

Tabela 1: Distribuição das frequências absoluta e relativa dos aspectos proporcionados pela brinquedoteca à criança

Categorias	Respostas	
	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Alívio do sofrimento de adoecer	59	90,8
Deixou a criança mais calma	55	84,6
Alívio de tensões	53	81,5
Aprendizado para a criança	38	58,5
Interação com outras crianças	38	58,5
Comunicação com a criança	27	41,5
Conhecer melhor a criança	18	27,7
Deixou a criança mais agitada	1	1,5
Não favoreceu aprendizado algum	0	0
Outros	8	12,3

Na Tabela nota-se que mais da metade dos participantes apontaram fatores positivos em relação a essa influência, dentre eles os que mais se destacaram foram, *alívio do sofrimento* (90,8%), *deixar a criança mais calma* (84,6%) e *alívio de tensões* (81,5%).

Todos os acompanhantes relataram que as atividades de brincar desenvolvidas na brinquedoteca são importantes e beneficiam as crianças, 96,9% apontaram que amenizam os efeitos negativos da hospitalização, 95,3% acreditam que elas contribuem ao desenvolvimento da criança e 4,7% não souberam responder essa questão.

A Tabela 2 mostra a distribuição das frequências absoluta e relativa das respostas, segundo as categorias relacionadas ao significado do brincar para o acompanhante da criança internada. É importante destacar que esta Tabela, assim como as próximas (até a 4ª) referem-se ao número de respostas positivas para aquela categoria e não ao número de crianças, sendo que cada participante pôde apontar mais de uma resposta. Dessa forma, a frequência relativa foi atribuída a partir do número de pessoas que apontaram aquela categoria como resposta, propiciando a visualização da importância da mesma.

Tabela 2: Distribuição das frequências absoluta e relativa do significado dado ao brincar

Categorias	Respostas	
	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Paliativos frente à situação	44	67,7
Fatores/aspectos positivos relacionados à doença	25	38,5
Interação	14	21,5
Fatores inerentes ao cotidiano comum da criança	12	18,5
Atitude da criança frente à situação	11	16,9
Fatores que contribuem para aprendizagem	5	7,7
Fatores/aspectos positivos relacionados ao acompanhante	3	4,6
Outros	3	4,6

As tabelas 2, 3 e 4 seguem a categorização descrita no Quadro 1. Em relação ao significado dado ao brincar na situação de internação da criança, a maioria (67,7%) dos acompanhantes acreditam que

serve como *paliativo frente à situação*. O segundo grupo de respostas mais assinalados (38,5%) formaram a categoria *fatores/aspectos positivos relacionados à doença* seguido por *interação* (21,5%).

A Tabela 3 mostra a distribuição das frequências absoluta e relativa segundo os aspectos mais importantes referentes às atividades.

Tabela 3: Distribuição das frequências absoluta e relativa de respostas positivas segundo os aspectos mais importantes referentes às atividades

Categorias	Respostas	
	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Paliativos frente à situação	37	56,9
Fatores/aspectos positivos relacionados à doença	12	18,5
Fatores inerentes ao cotidiano comum da criança	10	15,4
Interação	7	10,8
Atitude da criança frente à situação	6	9,2
Fatores que contribuem para aprendizagem	5	7,7
Fatores/aspectos positivos relacionados ao acompanhante	5	7,7
Outros	0	0

Segundo os acompanhantes das crianças, as atividades são importantes em razão dos seguintes fatores: *paliativos frente à situação* (56,9%), oferecem *fatores/aspectos positivos relacionados à doença* (18,5%) e possibilitam que a criança vivencie situações *inerentes ao cotidiano comum da criança* (15,4%).

Quando perguntado aos participantes se as atividades contribuíram para que os efeitos negativos da hospitalização amenizassem, 96,9% afirmaram que sim e apenas 3,1% acreditam que não.

Os acompanhantes foram questionados se as brincadeiras contribuem de alguma forma para o desenvolvimento da criança, sendo que 95,3% responderam positivamente e 4,7% não souberam responder a essa questão.

A Tabela 4 mostra a distribuição das frequências absoluta e relativa dos aspectos favorecidos pela atividade que interferem no desenvolvimento da criança, segundo a opinião dos acompanhantes.

Tabela 4: Distribuição das frequências absoluta e relativa dos aspectos favorecidos pela atividade que interferem no desenvolvimento da criança

Categorias	Respostas	
	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Fatores que contribuem para aprendizagem	26	40,0
Interação	16	24,6
Paliativos frente à situação	14	21,6
Atitude da criança frente à situação	8	12,3
Fatores/aspectos positivos relacionados à doença	6	9,2
Fatores inerentes ao cotidiano comum da criança	4	6,2
Outros	1	1,5

A maioria dos acompanhantes (40%) acreditam que as atividades de brincar contribuem para o desenvolvimento da criança por estimular a aprendizagem (*fatores que contribuem para aprendizagem*) através do oferecimento de atividades pedagógicas, do desenvolvimento de habilidades físicas, psicológicas, por despertar novos interesses na criança. Favorecem ainda a *Interação* (24,6%) e, novamente, serve como *paliativo frente à situação* (21,6%).

Em relação à participação dos acompanhantes, 63,1% disseram preferir participar junto com a criança nas atividades de brincar, 21,5% preferem ficar apenas observando a criança, 10,8% apontaram não fazer diferença sua participação. O restante (4,6%) assinalaram as duas primeiras respostas.

Os acompanhantes relataram que as atividades lúdicas no hospital permitiram às crianças *conhecerem e brincarem com outras* (86,2%) e *conhecerem outras crianças, mas brincando sozinhas* (13,8%).

DISCUSSÃO

Este estudo foi realizado com acompanhantes e os resultados apontaram que corresponderam às mães em 100% dos casos, isso vai ao encontro da pesquisa de Ribeiro e Angelo¹⁸ que ao estudar o significado da hospitalização para crianças pré-escolares descreveram a importância da presença da mãe nesse momento, vinculando-a ao apoio que representa para enfrentamento dos procedimentos

da rotina vivenciada pela criança que expressa sua vulnerabilidade, mas também a força proporcionada pela mãe nesse momento. A presença da mãe permeia todas as outras interações estabelecidas. Através da interação estabelecida pela criança com sua mãe, ambas tornam-se um mesmo paciente, muito mais forte, superando os momentos traumáticos, adquirindo novas experiências e enfrentando diferentemente todo âmbito hospitalar.

Autores¹⁹ apontam a importância de considerar o artigo 12 do Estatuto da Criança e do Adolescente, que preconiza o acompanhamento da criança hospitalizada por um familiar, devendo este ter condições de saúde para permanecer no local. Neste sentido, cabe salientar que juntamente a essa medida a determinação consiste em uma ação terapêutica, pois é através desse acompanhante que se estabelece o vínculo entre os dois sistemas, criança (representada pela família) e instituição de saúde (unidade/equipe pediátrica). Enfatizam também que o acompanhante torna-se um mediador das relações estabelecidas, levando a criança a se sentir mais protegida, diminuindo conseqüentemente o medo diante das situações desconhecidas.

De acordo com os dados apontados na tabela 2, os acompanhantes registraram em 67,7% que as atividades de brincar são paliativas frente à situação, pois favorecem a diminuição do estresse, distração, esquecimento, alívio, acalma, tranquiliza a criança, propiciando o relaxamento, diminuição da tensão, e conseqüente melhora de humor, melhora emocional. As atividades, ainda, foram descritas como passa tempo, proporcionando momentos de alegria e felicidade à criança que tem assim amenizado o trauma hospitalar.

O brincar além de ser uma forma de expressão, pode ser um eixo estruturante na produção de modelos de assistência à saúde da criança.¹⁰

Estudos vinculados ao tema, relatam que o brincar tem interferências na recuperação da saúde e reforçam que proporcionam a expressão de forma simbólica do sofrimento, ao mesmo tempo que se mostram capazes de dar ênfase no que se tem de mais saudável, representados pela alegria em brincar, desenhar, produzir de forma prazerosa e espontânea.²⁰

Em pesquisas relacionadas a desenhos no contexto hospitalar esse instrumento é descrito como meio de compreensão dos aspectos emocionais das crianças hospitalizadas, pois mesmo restritas pela doença, a criança precisa de atividades que promovam a movimentação, diversão, favorecendo conseqüentemente a adaptação, elaboração das exigências e restrições impostas pela situação vivenciada⁶.

Cunha³ ao falar das experiências e o desenvolvimento de habilidades que o brincar proporciona, refere que encaixar, empilhar, construir, montar é efetivamente lúdica quando realizado com prazer e esses tipos de brinquedos fazem as crianças exercitarem e aprenderem, fazendo planejamento de suas ações.

Durante as sessões de brinquedos terapêuticos, o brincar favorece ainda o jogo simbólico, pois possibilita às crianças dramatizarem exames físicos, reproduzindo os procedimentos pelas quais são

submetidas com bonecos, pais e equipe, fazendo isso na tentativa de compreender o seu próprio corpo.¹⁸

Com esses artifícios e a presença da mãe, a criança torna-se mais segura, mais madura, reagindo diferentemente aos procedimentos, com um melhor enfrentamento e entendimento da situação.

Essa condição de enfrentamento foi apontada em diferentes momentos da coleta de dados com os acompanhantes. Um dos aspectos mais apontados (Tabela 3) é relativo às atividades de brincar enquanto paliativo para a situação de internação, ou seja, promovendo a diminuição do estresse, o alívio, a diminuição do trauma, minimizando os efeitos da internação. Através do brinquedo terapêutico, as crianças que passam por situação de hospitalização, utilizam-no para permitir expressar seus sentimentos, advindos das experiências vivenciadas, amenizando o trauma causado e, de certa forma, satisfazendo-se diante das necessidades de crescer enfrentando esse momento.¹⁸

Também, quando é proporcionada à criança atividades e espaços de brincar, ela consegue enxergar o hospital em outra dimensão, passa a ter lembranças e relacioná-lo a aspectos positivos, sendo transformado em local onde também se pode brincar. O hospital é entendido assim, como espaço que gera sofrimento, medos e angústias, mas que também proporciona a melhora, a cura e onde se pode brincar.¹⁹

Segundo os participantes desta pesquisa, como pode ser observado na Tabela 4, o brincar no hospital permite à criança a aprendizagem de novas habilidades e desperta novos interesses, facilitando a interação da criança com outras crianças, com os acompanhantes e com o ambiente hospitalar. O espaço estruturado para o brincar neste contexto, enquanto local de interações entre crianças e acompanhantes, favorece a interação livre, fortalecendo o vínculo entre pais e crianças, sendo que os pais, no contexto hospitalar espaço, relacionam-se com seus filhos sem focar apenas a perspectiva da doença. Neste espaço, a criança cria, inventa, transforma, constrói e expressa sua realidade interna, esse ambiente tem potencial em oferecer oportunidades à criança quanto à escolha, dando-lhe autonomia, proporcionando o crescimento pessoal e a hábitos de responsabilidade e amadurecimento.²¹

A criança passa a ter um ambiente próprio, adequado, onde é possível, continuar sendo criança e usufruir de atividades indispensáveis para o seu desenvolvimento. Esse espaço, se organizado e utilizado por profissional de maneira adequada propicia a liberdade de escolha, exploração, expressão de sentimentos, descobertas, favorece a interação com equipe, com outras crianças, possibilitando a troca de experiências e novas aprendizagens. A criança organiza-se, sentindo-se mais segura e capaz de compreender a rotina de forma mais amena, enfrentando a hospitalização e todos os procedimentos decorrentes sem ter abruptamente sua saúde mental atingida.

Pode-se verificar que os acompanhantes são afetados positivamente quando certificam-se das capacidades remanescentes da criança, que ao se

familiarizar com o universo lúdico torna-se novamente ativa, espontânea, "dona" da situação, saindo da passividade gerada pela doença. Neste ambiente são proporcionados momentos de interação entre os acompanhantes, que trocam suas experiências, falam de seus medos e desafios. Possibilitam conhecer e aprender sobre o brincar, utilizando-o como recurso favorável para a recuperação, desenvolvimento e enfrentamento da realidade atual pela criança.

Em um projeto designado "Sala de Espera", foi observado que os acompanhantes passaram a conhecer e valorizar o potencial do brinquedo na situação de hospitalização, após serem incentivados e orientados pelos profissionais envolvidos no projeto.²¹

Outros benefícios das atividades de brincar em ambiente estruturado é a humanização do serviço de saúde, que ao agregar e incorporar a proposta, facilita sua rotina e a torna menos agressiva. As enfermeiras e a equipe de saúde, em geral, passam a considerar em suas atividades rotineiras o brincar. A criança coopera, esforça-se para enfrentar os procedimentos "aterrorizantes", obrigatórios (medicação, exames, etc.) esperando o momento de voltar a brincar.

Na investigação sobre o uso do brinquedo no hospital na visão dos enfermeiros brasileiros, os autores pontuam que esse recurso não ajuda apenas a criança, na expressão de sentimentos, na liberação de seus temores, tensões e ansiedade, mas auxilia o enfermeiro e o hospital em aspectos como a comunicação, realização de procedimentos e humanização do ambiente.²²

O drama hospitalar envolve muitos aspectos e personagens, ainda mais quando refere-se à hospitalização infantil. Neste âmbito pode haver o comprometimento do desenvolvimento físico, emocional e intelectual da criança. Com a quebra de sua rotina e o processo de adaptação à nova realidade, a criança deixa para trás coisas comuns, no entanto fundamentais ao seu desenvolvimento: os pais, a casa, os irmãos, a escola, os amigos, os bichos de estimação, os brinquedos. Alguns autores têm investigado os artifícios que podem favorecer a melhora da assistência à saúde da criança, consi-

derando políticas públicas, e outros aspectos como a estruturação de ambientes adequados à criança, presença de acompanhante, capacitação da equipe de saúde, e o respeito aos direitos da criança e do adolescente.^{2,23-25}

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa constatou que a organização de um espaço de brincar no ambiente hospitalar, com o oferecimento de atividades sob a responsabilidade de um profissional capacitado possibilita um diferencial no contexto da hospitalização infantil, favorecendo o enfrentamento das situações adversas, facilitando o processo de recuperação.

A condição de realização de brincadeiras não deve ser eliminada quando as crianças adoecem ou são hospitalizadas, pois essa atividade tem o potencial de desenvolver aspectos importantes como a capacidade de se sentir segura em ambientes e com pessoas desconhecidas. Ao proporcionar condições e contato da criança com atividades de brincar, esta experimenta um processo de organização do real e de sua criação.

Essa abordagem favorece uma melhor adaptação de toda família durante a hospitalização e um menor desgaste da relação com a criança. Os pais tranquilizam-se e ficam satisfeitos com o contato que a criança passa a ter com atividades de seu cotidiano. Muitas vezes, o espaço de brincar proporciona aos acompanhantes momentos de descanso e tempo para resolução de problemas pessoais pendentes. Fornecer essas atividades em um espaço próprio, propicia a criança e seu acompanhante mais acolhimento e segurança, ficando mais próximas de situações do cotidiano.

A pesquisa não esgota o assunto, apresenta uma contribuição para o conhecimento relacionado à área e pode ser aprofundada através de investigações que contemplem a opinião das próprias crianças, dos profissionais envolvidos no tratamento e, ainda, a observação mais sistemática desse ambiente e da rede de relações que nele são estabelecidas.

REFERÊNCIAS

1. Angeli AAC, Luvizaro NA, Galheigo SM. O cotidiano, o lúdico e as redes relacionais: a arte de cuidar em terapia ocupacional no hospital. *Interface (Botucatu)*. 2012; 16(40): 261-272. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832012005000016>.
2. Moreira MCN, Macedo AD. O protagonismo da criança no cenário hospitalar: um ensaio sobre estratégias de sociabilidade. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2009; 14(2): 645-652. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000200033>.
3. Cunha NHS. *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. 4.ed. São Paulo: Aquariana, 2007.
4. Vieira T, Carneiro MS. O brincar na sala de espera de um ambulatório pediátrico: possíveis significados. In: Bomtempo E, Antunha EG, Oliveira VB. (orgs.) *Brincando na escola, no hospital, na rua...* Rio de Janeiro: Wak, 2006. p. 75-110.
5. Pérez-Ramos AMQ. O ambiente na vida da criança hospitalizada. In: Bomtempo E, Antunha EG, Oliveira VB. (orgs.) *Brincando na escola, no hospital, na rua...* Rio de Janeiro: Wak, 2006. p. 111-125.
6. Motta AB, Enumo SRF. Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. *Psicol Estud*. 2004; 9(1): 19-28. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722004000100004>.
7. Pedrosa AM, Monteiro H, Lins K, Pedrosa F, Melo C. Diversão em movimento: um projeto lúdico para crianças hospitalizadas no Serviço de Oncologia Pediátrica do Instituto Materno In-

- fantil Prof. Fernando Figueira, IMIP. Rev Bras Saude Mater Infant. 2007; 7(1): 99-106. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1519-38292007000100012>.
8. Carvalho AM, Begnis JG. Brincar em unidades de atendimento pediátrico: aplicações e perspectivas. *Psicol Estud*. 2006; 11(1): 109-117.
 9. Oliveira SSG, Dias MGBB, Roazzi A. O lúdico e suas implicações nas estratégias de regulação das emoções em crianças hospitalizadas. *Psicol Reflex Crit*. 2003; 16(1): 1-13. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722003000100003>.
 10. Mitre RMA, Gomes R. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2004; 9(1): 147-154. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232004000100015>.
 11. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Assistência à Saúde. Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.
 12. Carvalho A, Vieira T. Laboratório do brincar: curso, per-curso, ações e reflexões sobre o brincar. In: Carvalho, A. et al. (orgs.) *Brincar(es)*. Belo Horizonte: editora UFMG; Pró-Reitoria de extensão/UFMG, 2005. p. 153-166.
 13. Kishimoto TM. Diferentes tipos de brinquedotecas. In Friedmann, A. *O direito de Brincar: a brinquedoteca*. 4 ed. São Paulo: ABRINQ, 1998. p. 53-63.
 14. Ferland F. *O modelo lúdico: o brincar, a criança com deficiência física e a terapia ocupacional*. 3 ed. São Paulo, Roca, 2006.
 15. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.
 16. Mitre RMA. *A experiência da promoção do brincar em hospitais*. Tese (Doutorado) - Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: 2004.
 17. Moraes MCAF. *A influência das atividades expressivas e recreativas em crianças hospitalizadas com fissura labiopalatina: a visão dos familiares*. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo. Bauru: 2007.
 18. Ribeiro CA, Angelo M. O significado da hospitalização para a criança pré-escolar: um modelo teórico. *Rev Esc Enferm USP*. 2005; 39(4): 391-400. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342005000400004>.
 19. Quintana A, Arpini D, Pereira C, Santos M. A vivência hospitalar no olhar da criança internada. *Ciênc Cuid Saúde*. 2007; 6(4): 414-423. Doi: <http://dx.doi.org/10.4025/ciencucidsaude.v6i4.3679>.
 20. Dietz KG, Oliveira VB. Brinquedotecas hospitalares, sua análise em função de critérios de qualidade. *Bol Acad Paul Psicol*. 2008; 28(1): 100-110.
 21. Ferreira AL, Pinto ADV, Parreira FV, Gonçalves GB, Coelho ZAC. O brincar como mediador da relação pais e filhos no contexto ambulatorial e hospitalar: relato de uma experiência. *Encontro de Extensão da UFMG*. Belo Horizonte: 2005.
 22. Leite TMC, Shimo AKK. Uso do brinquedo no hospital: o que os enfermeiros brasileiros estão estudando? *Rev Esc Enferm USP*. 2008; 42(2): 389-95 <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342008000200025>.
 23. Azevedo DM, Santos JJS, Justino MAR, Miranda FAN, Simpson CA. O brincar enquanto instrumento terapêutico: opinião dos acompanhantes. *Rev Eletr Enf*. 2008; 10(1): 137-144.
 24. Bortolote GS, Brêtas JRS. O ambiente estimulador ao desenvolvimento da criança hospitalizada. *Rev Esc Enferm USP*. 2008; 42(3): 422-429. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342008000300002>.
 25. Mitre RMA, Gomes R. A perspectiva dos profissionais de saúde sobre a promoção do brincar em hospitais. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2007; 12(5): 1277-84. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232007000500025>.

ABSTRACT

Introduction: the infant hospitalisation may put at risk the normal development of the children due to the breaking of their routine and the adjustment to the new reality process. There are several initiatives to promote spaces in hospitals so that the children can have contact with recreational activities. There are many variables that may influence the children's attitude towards the possibility of playful activities, among them the involvement of the accompanying persons. It is essential to learn their interpretation of the playing activities in the hospital context and which characteristics are associated with this activity in order to reach better planning of the assistance. **Objective:** this study aimed to examine the opinion of the accompanying persons on promoting play during the children's hospitalisation. **Methods:** therefore, the accompanying persons answered questionnaires during that period of hospitalisation. Data were analysed using descriptive statistics and content analysis. **Results:** 65 mothers of hospitalised children, mostly accompanied patients aged from 2-6 years old. All of them confirmed that the children should attend the playroom since it helps in recovery, providing relief from suffering, calming them and thus relieving tensions. **Conclusion:** as a conclusion, the accompanying persons highlight the importance of the playroom in the context of hospitalisation of children to soothe its effects of and help in the development of the children.

Keywords: play, hospital, accompanying persons.